



José Cardoso Pires

O BAILE DOS VAMPIROS

Quando Lisboa, esquecida da guerra, só pensava no plano Marshall; quando a Alice dos Brilhantes se despintava às terças-feiras para visitar o chuleco no retiro da Penitenciária; quando os legionários verde-fel já só gritavam por Salazar nos comícios obrigatórios; quando o papagaio patriota da ervanária de Arroios entrou em melancolia e dizia merda-merda ao polícia que passava; esta cidade aos domingos era triste como a necessidade.

Havia as matinés dançantes, era o que valia. Os bailes dos Bombeiros ou da Rádio Gra-

turar eram os das Sociedades Recreativas, clubes da Rádio e coisa e tal, onde as meninas de bairro, acompanhadas de falsas tias, sonhavam fazer futuro ao compasso do Glenn Miller, que era o Strauss daquela época. Aí sim. Aí os vampiros da Almirante Reis, de Chelas ou do Intendente tinham garinas a preceito: costureirinhas de boa-fé, adolescentes despachadas, garotas de galderice — tudo material para levar aos lençóis da má-vida, que afinal era a melhor de todas, desde que bem orientada por alguém de saber e de maneiras.

Alguém, quem? O Darnaúl, não vamos mais longe. O Zé da Arlete. O Carlos Chófer. Qualquer destes tinha a sua miúda a render ou, pelo menos, fazia por isso. Eram chavais de expediente que aos domingos esvoaçavam de baile em baile à procura de futuro em forma de borboleta. Todos brilhantinas, pente na algibeira e modos castigadores, resplandeciam em passos de capricho ao som do “In the Mood” ou do “Moonlight Serenade”, traduzidos do Glenn Miller pela Orquestra Casanova.

Às vezes desciam aos clubes rafeiros do banjo e da guitarra eléctrica onde, a meio da dança, era sabido, o mestre-sala empunhava o microfone e lançava o mote obrigatório:

“Pede-se aos cavalheiros para acompanharem as damas ao bufete.”

Os cavalheiros rosnavam “Está bem, abelha”, mas iam. E feitas as contas, aquilo era lançada para a menina, cerveja cá para o chaval, e voltamos à dança antes que se faça tarde.

Na Sociedade Recreativa Vitalense, a Campolide, os intervalos eram mais que muitos. Poucas damas, muito bufete e às vezes uns sorteios de rifas, para animar. Com tantas pausas, os cavalheiros vinham para a varanda trinar as meninas Perez que pousavam na janela do prédio ao lado, sequestradas pelo pai. Três lírios,

as manas Perez. E o pai, um galego desalmado que comandava a tasca por baixo delas, sem ouvido para a música e cheio de abalos paternais.

Mas cá em cima folgava-se. Cá em cima, na Vitalense, quem reinava era o preto Simas Anjo, que dançava de sexo bem aviado e de boca colada ao ouvido da garina para que ela o escutasse por entre pernas. Se a dama era de escrúpulos e lhe fugia com a cara, Simas fazia alto:

“Que foi?”, perguntava com desdém. E apontando o próprio rosto: “É preto mas não desbota.”

Dada a explicação, puxava a melindrosa toda para ele e ia em frente. Ou largava-a no meio da sala, era conforme.

Enquanto isto, o tasqueiro lá em baixo dava pulos atrás do balcão em agonia musical. Às filhas de gaiola, mau exemplo. A orquestra a provocar. Os gabirús de salão a arrastarem os pés para a maldade e sabe-se lá com que enredos, então aquilo admitia-se?, perguntava o pai inquieto aos seus acordes mais íntimos.

Até que uma tarde o homem desafinou por completo e com mais dois ajudantes armou-se de pedaços de cano de chumbo e varreu o domingo da Vitalense com baile e tudo o que apanharam pela frente. Deram a uso, sem compasso nem sustentido, até à debandada geral. Mas quando se preparavam para sair descobriram o preto Simas, todo olhos e muito mosca, escondido debaixo do bilhar.

Olá? Iam a arrancá-lo cá para fora para o polir como devia ser, mas ele antecipou-se e, de pé, antes que o agarrassem, virou-se para o galego e deu-lhe a despedida:

“O quê, a mim? Vai mas é à tua vida que eu já cá tenho a minha conta.”

E com isto voou escadas abaixo, escuro e às cegas como um vampiro. ●

Terrenos dançantes para galar e facturarem eram os das Sociedades Recreativas, clubes da Rádio e coisa e tal, onde as meninas de bairro, acompanhadas de falsas tias, sonhavam fazer futuro ao compasso do Glenn Miller, que era o Strauss daquela época. Aí sim. Aí os vampiros da Almirante Reis, de Chelas ou do Intendente tinham garinas a preceito.

ça, Clube Estefânia e Academias regionais, isto para não falar do Salão das Manas Pretas, que era todo em tangos de galope com viúvas a arfar. Mas aí só se ia em caso de desespero, porque as matronas, mesmo à solta, buliam de desconfiança e não davam o menor amparo a quem lhes olhasse para os ouros. Ir ali era ir aos restos, como dizia o Sami do Alto Pina que, numa volta à Gardel, ficou sem uma medalha de prata que lhe dava muita fé.

Não. Terrenos dançantes para galar e fac-